

lisboa do século XVII

“A MAIS DELICIOSA TERRA DO MUNDO”

GEO | GABINETE DE ESTUDOS OLISIPONENSES

lisboa do século XVII

“A MAIS DELICIOSA TERRA DO MUNDO”

IMAGENS E TEXTOS NOS QUATROCENTOS ANOS do
NASCIMENTO do PADRE ANTÓNIO VIEIRA

DIRECÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA | CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

GEO

Chefe de Divisão
Luisa Mellid Monteiro

Produção / Divulgação
Ana Paula Garcez
Paula Candeias
Vanda Souto

Grafismo / Exposições
João Rodrigues

Digitalização / Fotografia
Anabela Ferreira
Carlos Didelet
Jorge Rodrigues

Biblioteconomia
Ana Sansão

Restauro
Sofia Vasconcelos Nunes

Arquivo
Elisabete Gama

Projectos específicos
Efemérides / Património / Edição / Site Geo
José Manuel Garcia (Coordenador)
Inês Matoso

Site
Alexandre Fonseca
Manuel Fialho

Direcção Municipal de Cultura / DGED
GEO – Gabinete de Estudos Olisiponenses
Palácio do Beau Séjour
Estrada de Benfica, 368. 1500-100 Lisboa
Tel: 217701100 / Fax: 217782598
Email: geo@cm-lisboa.pt
Internet: geo.cm-lisboa.pt

exposição

Coordenação / Projecto / Textos
José Manuel Garcia

Desenho da exposição
João Rodrigues

Investigação
Inês Matoso
José Manuel Garcia

Montagem
Celina Trindade
João Rodrigues

Construção e Execução
Direcção Municipal Projectos e Obras
DCCE / DEOME / Carlos Costa,
Bartolomeu Cordeiro, Joaquim Almeida,
Carlos Silva
DREP
Ducover
Eurostand
Imprensa Municipal
João Antunes Amaro, lda.

AGRADECIMENTOS

Andreas Gehlert. ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL Inês Viegas. BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. DIVISÃO DE CADASTRO MUNICIPAL Paulo Eloy. ÉDITIONS CASTERMAN (Bélgica) Luís Dias Ferreira. EMBAIXADA DE FRANÇA. FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA, MUSEU- BIBLIOTECA DA CASA DE BRAGANÇA João Gonçalo do Amaral Cabral, Maria de Jesus Monge. FUNDAÇÃO RICARDO DO ESPÍRITO SANTO SILVA – MUSEU- ESCOLA DE ARTES DECORATIVAS PORTUGUESAS Cláudia Lino, Conceição Amaral.

catálogo

Edição
Gabinete de Estudos Olisiponenses
Direcção Municipal de Cultura

Coordenação / Projecto / Textos
José Manuel Garcia

Desenho do catálogo
João Rodrigues

Investigação
Inês Matoso
José Manuel Garcia

Impressão
Palma Artes Gráficas, lda

© GEO, todos os direitos reservados
1000 exemplares, Outubro de 2008

ISBN
978 - 972 - 9231 - 02 -5

Depósito Legal
2835010/08

INSTITUTO DOS ARQUIVOS NACIONAIS / TORRE DO TOMBO. INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO, DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA José Pessoa. MUSEU DA CIDADE Cristina Leite, Lurdes Garcia, Rosário Dantas. MUSEU NACIONAL DO AZULEJO Maria de Fátima Loureiro, Rosário Carvalho, Susana Flor. MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA Ana Markl, Anísio Franco, Paulo Henriques, Regina Peixeiro, Tânia Olim. UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, Instituto de Estudos Portugueses – FCSH. Vítor Serrão.

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	8
PARTE I. O padre ANTÓNIO VIEIRA E LISBOA	13
PARTE II. ICONOGRAFIA DA LISBOA SEISCENTISTA	21
PARTE III. LIVROS DO SÉCULO XVII SOBRE LISBOA	87
PARTE IV. CARTOGRAFIA DE LISBOA NO SÉCULO XVII	97
ALGUMA BIBLIOGRAFIA	120

índice

(...)

O mar finalmente, na monstruosa fecundidade, porque naquela campina imensa, que não seca o sol, nem regam as chuvas, assim como nos prados da terra pastam os rebanhos dos gados maiores e menores, assim ali se criam sem pastos os marítimos em inumerável multidão e variedade, entrando pela barra da cidade em quotidianas frotas, tanto para a necessidade dos pequenos, como para o regalo dos grandes, sendo nesta singular abundância Lisboa, não só a mais bem provida, mas também a mais deliciosa terra do mundo.

António Vieira

«(...) Lisboa, onde estou sempre com o pensamento (...)»

Roma, 10 de Julho de 1674

António Vieira

Há quatrocentos anos nascia em Lisboa António Vieira, uma das personalidades mais eminentes da história e da literatura de Portugal e do Brasil e cuja longa vida acompanha quase todo o século XVII. O Gabinete de Estudos Olisiponenses, na sua missão de promover o estudo de Lisboa e de valorizar e preservar a memória da cidade e daqueles que lhe estiveram ligados, associa-se ao conjunto de iniciativas comemorativas de tão distinto lisboeta, apresentando no Palácio do Beau Séjour, entre 18 de Outubro e 15 de Dezembro de 2008, a exposição *Lisboa do século XVII “a mais deliciosa terra do mundo”: imagens e textos nos quatrocentos anos do nascimento do padre António Vieira*. Acompanhada da publicação do presente catálogo, a iniciativa contribui, desta forma, para suprir uma lacuna na Olisipografia: a inexistência de um trabalho sobre a iconografia contextualizada da Lisboa seiscentista.

O inventário das imagens que aqui apresentamos procurou ser o mais abrangente possível e contou com a circunstância de grande parte ter sido reunida por Augusto Vieira da Silva, colecção que foi comprada pela Câmara Municipal de Lisboa. Aliás, consultados os principais museus e bibliotecas do País, em mais nenhum local se encontra tão completo acervo documental relativo à Lisboa do século XVII como aquele que, agora, se encontra repartido entre o Gabinete de Estudos

Olisiponenses e o Museu da Cidade.

Ao evocarmos a Lisboa que há quatrocentos viu nascer António Vieira, devemos igualmente sublinhar que, nesta mesma cidade e ano, a 23 de Novembro, nasceu D. Francisco Manuel de Melo, autor da tão celebrada “Carta de Guia de Casados” e, ainda em 1608, foi impresso o primeiro livro encomiástico da cidade: *Do sítio de Lisboa*, aí publicado pelo lisboeta Luís Mendes de Vasconcelos. Esta edição também merece ser devidamente destacada para nos lembrar quanto, no dizer de Mendes de Vasconcelos, a capital portuguesa era vista simbolicamente como os “olhos” de uma Europa que lhe apreciava a beleza e grandeza, como se revela através de imagens e textos aqui publicados neste catálogo evocativo da Lisboa do Padre António Vieira.

Rui Mateus Pereira
Director Municipal de Cultura

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

LISBOA ENTRE O PROJECTO DE SER CAPITAL DE UM IMPÉRIO IBÉRICO E O SONHO DE SER A CABEÇA DO QUINTO IMPÉRIO

Ao introduzirmos a recolha de imagens e livros sobre a Lisboa do século XVII, onde o padre António Vieira nasceu e viveu períodos marcantes da sua vida, que abarca quase todo o século, achámos por bem aproveitar do eloquente jesuíta algumas ideias fortes que nos ajudem a compreender o papel da cidade na história do seu tempo, cujo ambiente social e espiritual já em 1956 foi tão bem descrito por Fernando Castelo Branco nesse clássico da Olisipografia que é a *Lisboa seiscentista*.

Nos inícios do século XVII Lisboa continuava a ser a maior cidade da Península Ibérica, posição que resultava da proeminência que alcançara no século anterior devido às actividades expansionistas que os portugueses tinham vindo a desenvolver à escala mundial. A posição de Lisboa no conjunto Peninsular contudo, foi posta em causa desde que em 1561 Felipe II de Espanha escolheu Madrid para ser a capital dos seus reinos e sobretudo desde que o seu sucessor Filipe III de Espanha oficializou essa decisão em 1606, permitindo com esta determinação que os castelhanos afirmassem a sua hegemonia na balança dos poderes peninsulares, ainda que sob uma aparente procura de equilíbrios, pois esta opção derivaria da posição geográfica dessa cidade corresponder a um centro territorial

da Península Ibérica. Para lograr o propósito de impor a supremacia castelhana afastava-se a possibilidade de Lisboa alcançar preponderância como centro de um mais ambicioso projecto imperial à escala mundial. Com efeito a grandeza e boa posição marítima da capital portuguesa face ao Atlântico permitiria assegurar quer a Portugal quer às diferentes partes de Espanha um melhor e mais forte governo dos seus domínios em África, América e Ásia, contra os interesses e investidas crescentes das potências europeias rivais. Tal concepção hegemónica alternativa, contudo, foi menosprezada e foram em vão as tentativas no sentido de valorizar a posição de Lisboa, como está patente no esforço ainda levado a cabo por Luís Mendes de Vasconcelos logo em 1608 ao publicar uma obra intitulada *Do sítio de Lisboa*, em que se defendia que «As qualidades do sítio de Lisboa fazem-na capaz de ser cabeça de um grande império».

Pelo seu teor esta obra veio a ser evocada pelo padre António Vieira para sustentar as suas ideias em torno do Quinto Império no difícil período da sua vida situado entre 1663 e 1667 durante o qual foi obrigado a passar pelo tribunal do Santo Ofício. Tal evocação é explicitada quando o nosso jesuíta quis profetizar a futura grandeza de Portugal e Lisboa ao afirmar que:

(...) parece o fez e a fez Deus para cabeça do Mundo, excedendo a Nínive, a Babilónia, a Constantinopla, a Roma e a todas as que têm sido cabeças de império, com infinitas vantagens, entre as quais se nota a capacidade e segurança do porto e a facilidade de navegação para todas as partes do Mundo, com uma certa mediania e ainda vizinhança de todas elas, por remotas e remotíssimas que sejam, cujas proporções nem juntas nem divididas se podem achar ou concorrer em outra costa, rio, porto, clima, altura, ventos, lugar e cidade, e o demais que acerca do sítio dela se pode ver no livro que escreveu sobre este assunto Luís Mendes de Vasconcelos¹.

Vieira mesmo sob a pressão inquisitorial continuava a sonhar em 1665 com um:

(...) tempo em que todo o Mundo estiver reduzido ao conhecimento da nossa santa Fé Católica, se há-de consumir o Império de Cristo, e que é este o Quinto Império profetizado por Daniel, e que então há-de haver no Mundo a paz universal prometida pelos profetas no tempo do Messias, a qual ainda não está cumprida senão incomodamente, e que no tempo deste Império de Cristo há-de haver no Mundo um só imperador, a que obedecem todos os reis e todas as nações do Mundo, o qual há-de ser Vigário de Cristo no temporal, assim como o Sumo Pontífice no espiritual; o qual Império espiritual então há-de ser perfeito e consumado, e que todo esse novo estado da Igreja há-de durar por muitos anos, e que a cabeça deste

Império temporal há-de ser Lisboa, e os reis de Portugal os Imperadores supremos, e que neste tempo há-de florescer universalmente a justiça, inocência e santidade em todos os estados (...)²

Em 1666, estas mesmas ideias foram reafirmadas por Vieira quando alegou em defesa da sua obra *Quinto império* (...) a esperança na vinda de um imperador que:

(...) há-de ser europeu, cristão e descendente de príncipes cristãos, zelosíssimos do serviço de Deus e propagação da Fé de Custo, e que todo o poder e autoridade se há-de empregar nela e no serviço da Igreja e obediência do Sumo Pontífice. Ajudado deste imperador se há-de converter e reformar o Mundo, florescendo mais que nunca o culto divino, a justiça, a paz e todas as virtudes cristãs, acrescentando, pelos fundamentos particulares deste Reino, que o dito imperador há-de ser português e rei de Portugal, a cabeça do império, Lisboa³.

Na sentença lavrada pelo tribunal do Santo Ofício em Coimbra de 23 de Dezembro de 1667 registou-se de forma conclusiva a afirmação vieirina de: «(...) que a cabeça deste império temporal há-de ser Lisboa e os reis de Portugal os imperadores supremos (...)»⁴. O sonho de apresentar Lisboa como capital de um mítico quinto império desenvolveu-se no pior período das perdas de possessões portuguesas no Oriente e das mais fortes ofensivas dos castelhanos da guerra da Restauração, que os portugueses conseguiram derrotar, logrando por isso que Castela desistisse da

intenção de acabar com a independência do “Portugal restaurado” e assinasse a paz em 1668. Dezoito anos antes de tal evento as autoridades castelhanas tinham recusado uma proposta de D. João IV, expressa por Vieira, que, a ter sido aceite, poderia ter alterado essa história. Com efeito em 1650, Vieira propôs em nome do monarca português a possibilidade de pôr fim à guerra da Restauração através de uma reunificação hispânica que passaria por um processo em que Lisboa seria a capital de uma nova Espanha, em detrimento de Madrid. A defesa desta hipótese foi narrada por Vieira em 1695 num registo memorial em que recuou quarenta e cinco anos para lembrar a missão diplomática que o levava a Roma em 16 de Fevereiro de 1650. Foi no seu *Sermão de Acção de Graças pelo felicíssimo nascimento do novo infante, de que a Majestade Divina fez mercê às de Portugal em 15 de Março de 1695*, impresso em 1696 nos seus *Sermões. Parte XI*, que registou as seguintes e eloquentes observações com que vale a pena deliciarmo-nos:

(...) Pelos anos de cinquenta, como el-rei Filipe IV não tivesse mais que uma única herdeira, a princesa Maria Teresa de Áustria, entenderam os juízos mais sisudos, antevendo as consequências, que hoje dão tanto cuidado, que devia casar dentro de Espanha. E diziam livremente os que de nenhum modo queriam que casasse fora: *Por que no tendremos un rey con unos bigotes negros?* Aos ecos destas vozes, ajudados de outras inteligências secretas, intentou el-rei que está no Céu,

solicitar o casamento para o príncipe D. Teodósio. E a este fim, debaixo de outros pretextos, me enviou a Roma com as instruções e poderes necessários, para que lá introduzisse e promovesse esta prática. Era embaixador na Cúria o Duque del Infantado, e assistente de Espanha na Companhia o Padre Pedro González de Mendoza, seu tio, bom e doméstico intérprete.

O prólogo desta negociação, sem o parecer, fazendo-me neutral, ou interessado (como verdadeiramente era) por ambas as partes, foi lamentar-me de religioso a religioso, do muito sangue espanhol e católico que se estava derramando nas nossas fronteiras, triunfando e fazendo se mais poderosos os hereges com aquela diversão. E doía-me juntamente de que as campanhas de Flandres pouco antes pacificadas se haviam de passar a Espanha, e que aquela guerra seria tanto mais perigosa, quanto mais das portas adentro. Sobre esta primeira pedra do temor tão bem fundado, em outra conversão do mesmo assistente, na qual se achavam dous grandes sujeitos também castelhanos da companhia, Velazquez, e Monte Maior (os quais já eram da minha opinião), vindo à prática o casamento da princesa em Espanha, disse eu:

Se as cousas estiveram no estado antigo, pouca dúvida podia haver na eleição do esposo. O sangue real da Casa de Bragança é o mais unido à mesma princesa; porque ela e o duque de Barcelos são netos dos mesmos avós, e ele sobretudo, pelas virtudes e qualidades pessoais, merecedor do maior império, como reconhecido e celebrado no Mundo pelo príncipe mais perfeito de toda Europa.

Todos assentiram com aplauso a uma e outra preferência do sangue e da pessoa, como ambas sem controvérsia. E eu então, concedida esta evidente premissa tirei da bainha o meu argumento, e lhe

Detalhes de iconografia de Lisboa no século XVII correspondentes à região centrada no Paço da Ribeira

- 1 | Gravura com base em desenho anónimo de cerca 1513? em *Civitates orbis terrarum*, de Georg Braunius, volume I, Colónia, Philippum Galceum, 1572.
- 2 | Folha iluminada da chamada *Genealogia dos reis de Portugal*, obra encomendada pelo infante D. Fernando a António de Holanda e a Simão Bening, 1530-1534, Londres, British Library, Additional ms, 12531.
- 3 | Iluminura do frontispício da primeira parte da *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, anónimo, c. 1513?, Lisboa, Torre do Tombo, CF, Crónicas, n.º 8.
- 4 | Iluminura do frontispício da *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão, atribuível a António de Holanda, c. 1520, Cascais, Museu Conde de Castro Guimarães, inv. 14.
- 5 | Gravura com base em desenho de cerca 1565? em *Urbium praecipiarum mundi theatrum quintum*, de Georg Braun, s.l. s. d. (c. 1598).
- 6 | Desenho à pena e tinta sépia em *Da fábrica que*

- falece à cidade de Lisboa* de Francisco de Holanda, f. 8 v-9, Julho de 1571, Lisboa, Biblioteca da Ajuda, 52-XII-24.
- 7 | Desenho aguarelado de Simão de Miranda (de Távora), Lisboa, 14 de Maio de 1575, Turim, Archivo di Stato, colecção de plantas e fortificações do duque Emanuel Filisberto de Sabóia.
- 8 | Iluminura representando o funeral de D. Manuel, passando pelo palácio da Ribeira e na sé de Lisboa, no *Livro de horas dito de D. Manuel*, atribuível a António de Holanda, c. 1524?, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, inv. 14.
- 9 | Detalhe de um dos painéis evocativos dos Santos Mártires de Lisboa, anónimo, primeira metade do século XVI, Ponta Delgada, Museu Carlos Machado.
- 10 | Iluminura do *Livro de horas dito de D. Manuel*, atribuível a António de Holanda, c. 1524?, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, inv. 14.



a criar uma estética de equilíbrio e dando a noção de dupla força da nova Lisboa que se erguia dos escombros.

A registar a coincidência das formas assinala-se que o torreão filipino tinha vinte e cinco metros de comprimento, o mesmo do actual torreão pombalino. A galeria que ligava o torreão ao palácio tinha mais de 17 metros de largura¹¹.

O torreão aqui destacado e que geralmente foi referenciado no século XVII como sendo o “forte” foi mandado erguer por Filipe I de Portugal, pelo que convém ter em conta como era no século XVI o conjunto arquitectónico onde foi construído entre 1581 e 1583 o novo edifício por vontade do então recém aclamado rei. Para esse efeito reunimos nas duas páginas anteriores as imagens que nos ficaram do Paço da Ribeira, tal como aparece na iconografia quinhentista.

Notas

¹ Os estudos sobre o conjunto das imagens de Lisboa são escassos, destacando-se de entre eles o de Augusto Vieira da Silva, «Iconografia de Lisboa», in *Dispersos*, volume 1, 2ª. edição, Lisboa, Câmara Municipal, 1968, p. 351-375.

² E não cerca de 1593 como se tem escrito frequentemente, cf. *Cartes des grandes villes d'Europe*, introdução de John Goss, Paris, 1992.

³ Sobre este pintor cf. Vítor Serrão, *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657*, volume I, tese de doutoramento policopiada, 1992, p. 186-189.

⁴ *Idem, Ibidem* p. 187.

⁵ «Uma esplêndida vista de Lisboa no castelo de Weilburg, Alemanha», *Monumentos*, 28, Lisboa, 2008 (no

prelo), onde o autor sugere a possibilidade de a tela ter sido pintada por João Baptista Lavanha cerca 1600.

⁶ *El atlas del rey planeta: la descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos de Pedro Texeira, 1634*, edição de Felipe Pereda y Fernando Marías, Hondarribia, Nerea, 2002, p. 69-70.

⁷ Vítor Serrão, *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657*, volume II, Lisboa, tese de doutoramento policopiada, 1992, p. 153.

⁸ A actividade conhecida de Miguel de Paiva está compreendida entre o ano de 1608 e o de 1645, em que morreu, sucedendo-lhe como pintor régio o seu filho António de Paiva, cuja actividade conhecida se situa entre 1637 e 1650, data da sua morte, cf. Vítor Serrão, *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657*, volume II, tese de doutoramento policopiada, 1992, p. 25.

⁹ E. A. Strasen; Alfredo Gândara, *Oito séculos de história luso-alemã*, Berlim, Instituto Ibero-Americano de Berlim, 1944, p. 193.

¹⁰ Esta imagem foi publicada nomeadamente na revista *Oceanos*, n.º 30-31, Lisboa, 1997, p. 104-105.

¹¹ Rafael Moreira, «O torreão do Paço da Ribeira», *Mundo da Arte*, 14, Coimbra, 1983, p. 45.







Cortejo real no Terreiro do Paço
Anónimo
Óleo sobre tela
C. 1662?
127 x 210 cm
MC. PIN 262



Vista do Terreiro do Paço com o cortejo do nuncio apostólico em Lisboa com a legenda: Ingresso Alla prima Undienzo di Mons. Giorgio Cornam, Nuncio Apostolico alla maesta del're Pietro Secondo in Lisbonna il di Juglio 1693.
Óleo sobre tela
1693
Colecção Jorge de Brito

den Berge (1659-1737) que se integram num álbum publicado em Amesterdão com o título *Theatrum Hispaniae*, de que não conhecemos qualquer exemplar em Portugal, pois aqui só identificámos as folhas soltas desta obra que foram adquiridas por Augusto Vieira da Silva e se encontram actualmente no Museu da Cidade. Das vistas que aí se podem observar em seis destas gravuras (p. 53-58) só a que representa o conjunto do torreão do Paço da Ribeira e o palácio Corte Real aparece pela primeira vez neste conjunto, pois as restantes seguem de perto as que foram traçadas por Stoop para representar: a torre de Belém, o mosteiro dos Jerónimos, a ermida de Santo Amaro, o Paço da Ribeira e uma tourada no Terreiro do Paço. Estas gravuras apresentam legendas em latim castelhano, holandês e francês, que de seguida reproduzimos em latim e castelhano pela ordem que acima referenciámos: *Petri. lusitanorum regis palatium, Olisipone, Tagum resficiens. / Palacio del Rey de Portugal, à Lisbona: d'otro costado.* (palácio Corte Real); *Bethlemi munitissima arx, urbis vicina propugnaculum. / Castillo de Bellem, para Lisbona, dentro rio Tajo.* (torre de Belém); *Bethlemi basilica, ad Tagum, in Olisiponis extimo angulo. / Templo pomposo de Bellem, situado junto Rio de Tajo, cerca Lisbona.* (mosteiro dos Jerónimos); *D. Amati templum, et portus dictus Bethlem. / Vista de S. Amaro y prospettivo de lugar de Belem ò Bethleheme.* (ermida de Santo Amaro); *Regis Lusitanorum aula: Olisipponi sive Lixboa / Vista y prospectiva del Palacio del Rey de Portugal, à Lisbona: por mar.* (Paço da Ribeira);

Area publica ante Regis Portugaliae Aulam, ubi solenni festivitate homines cum tauris committuntur. / Praça del Toro, avante el Corto Royal de Lixbona. (tourada no Terreiro do Paço).

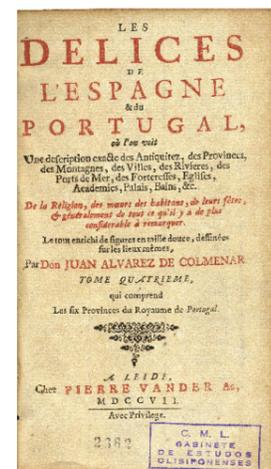
Berge gravou ainda uma vista de Lisboa baseada na segunda gravura de Lisboa publicada por Braunius cerca de 1598 com a legenda: *Olisipo dicta et Felicitas Julia, Lusitani urbs vetustissima, in promontoria Magno, ad Tagi, Oceano occidentalo objecta. / Vista de Lisbona, metropolis de Portugal: assentado sobre cinco Montezillos.* (mapa de Lisboa) (p. 102).

Em 1703, foi impresso em Leipzig, um conjunto de quatro gravuras (p. 59 e 70) publicadas na obra de Germanus Adlerhold, *Die macht des Portugiesischen scepters oder Umstandliche Beschreibung des Ronigreichs Portugal* (O poder da coroa portuguesa ou descrição circunstanciada do reino de Portugal), obra que surge no contexto da entrada de Portugal na “grande aliança” que marca o início da Guerra da Sucessão de Espanha³. Estas ilustrações são adaptadas com fraca qualidade e pequenas dimensões das que já haviam sido publicadas em 1683 por Pierre Landry na obra de Allain Manesson Mallet, *Description de l'univers (...)*, e nelas se figuram a torre de Belém, o mosteiro dos Jerónimos, o Terreiro do Paço e um julgamento na Inquisição.

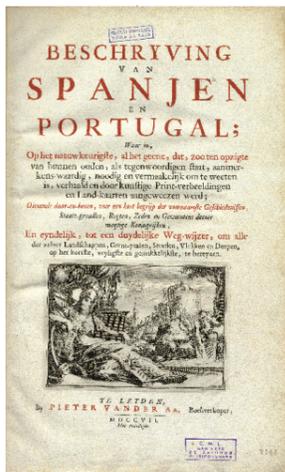
A culminar as séries de gravuras que temos estado a elencar referenciamos aquela que foi preparada pelo gravador holandês Jacobus Baptist e publicada a partir de 1707 em várias obras editadas em Leiden por Pierre Vander Aa, de entre as quais salientamos as seguin-



Frontispício de Germanus Adlerhold *Die macht des Portugiesischen scepters oder Umstandliche Beschreibung des Ronigreichs Portugal...*, Leipzig, Zufinden ben Toh. Leonh. Buggel, 1703, [18], 668 p., [22] p. il., 13,5 x 7,57 cm, Col. Vieira da Silva, VS 2213/E7 GEO DV 97-P RES



Les delices de l'Espagne et du Portugal: ou l'on voit une description exacte des antiquités, des provinces, des montagnes, des villes, des rivières, des ports de mer... Juan Alvarez de Colmenar, tomos 4 e 5, Leide, Pierre Vander Aa, 1707, 16,4 x 10 cm, Col. Vieira da Silva, VS 2201/E7, GEO DV 79-P RES



Beschryving van Spanien en Portugal waar in, op het naauwkeurigste, al het geene, dat zoo ten opzichte van hunnen ouden...., Leyde, Pieter Vander Aa, 1707, paginação irregular. 36,2 x 23,5 cm Col. Vieira da Silva, VS 2278/E10 GEO DV 4-G RES



Mapa de Portugal e Cavaleiros das Ordens religiosas em Portugal em gravuras de Jacobus Baptist em *Les royaumes d'Espagne et de Portugal representés en tailles-douces très exactes, dessinées sur les lieux mêmes qui comprennent les principales villes....*, Leide, Chez Pierre Vander Aa, [s.d.]. - 167 p. : todo il. 19 x 23,5 cm Col. Vieira da Silva, VS 2274/E9 GEO MNL 18-P



tes: *Les delices de l'Espagne et du Portugal: ou l'on voit une description exacte des antiquités, des provinces, des montagnes, des villes, des rivières, des ports de mer (...)* de Juan Alvarez de Colmenar, que terá sido a primeira, pois as gravuras surgem com a legenda em francês mesmo na versão holandesa desta obra, que foi publicada no mesmo ano com o título *Beschryving van Spanien en Portugal waar in, op het naauwkeurigste, al het geene, dat zoo ten opzichte van hunnen ouden (...)*. As gravuras aí reproduzidas surgem num volume só com as imagens, que não está datada mas também poderá ser de cerca 1707, o qual tem por título *Les royaumes d'Espagne et de Portugal representés en tailles-douces très exactes, dessinées sur les lieux mêmes qui comprennent les principales villes*.

A preparação das gravuras é indicada como sendo da responsabilidade de: *J. Baptist Sculp. - J Goerce delin*, seguindo-se de perto as que foram traçadas por Dirck Stoop para as vistas dos monumentos e do casamento de D. Catarina, mas com o acréscimo e ligeiras alterações das duas que haviam sido apresentadas por van Merle (o palácio Corte Real com a Ribeira das Naus) e Pieter van den Berge (o palácio Corte Real com o torreão do Paço da Ribeira), sendo por isso a coleção que reúne tudo o que havia sido publicado no século XVII, a que se acrescentaram novas imagens sobre a Inquisição.

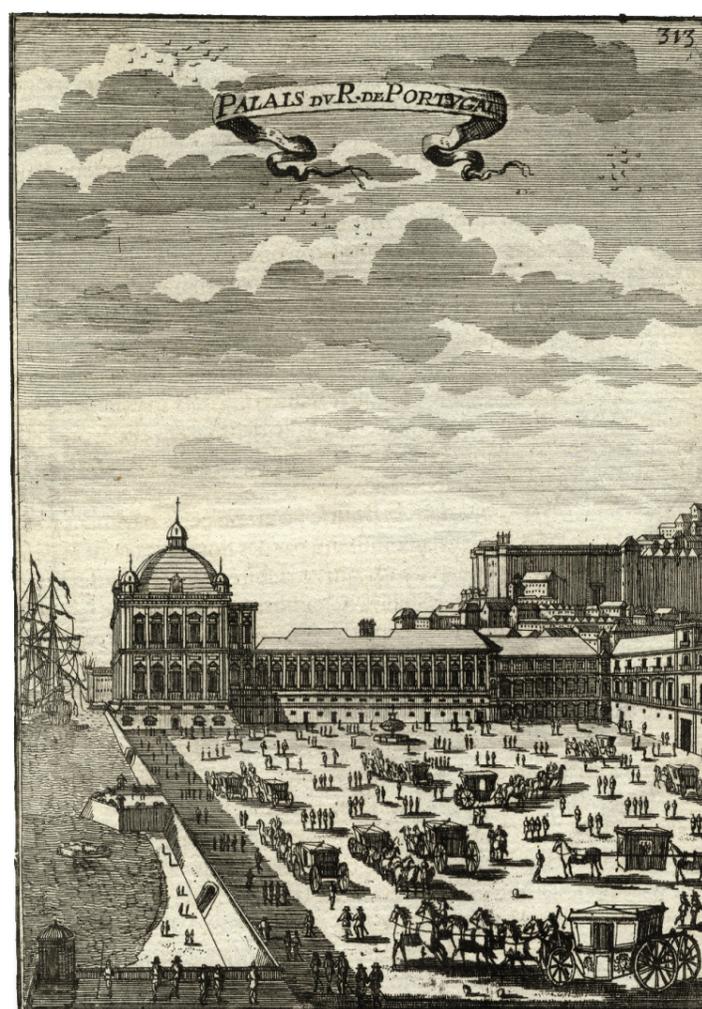
Do total de 166 gravuras abertas a buril tendo as dimensões da matriz cerca de 12,5 x 15,5 cm que apresentam uma numeração seguida na parte inferior à direita, apresentamos as que são relativas a Lisboa e foram publicadas com as se-



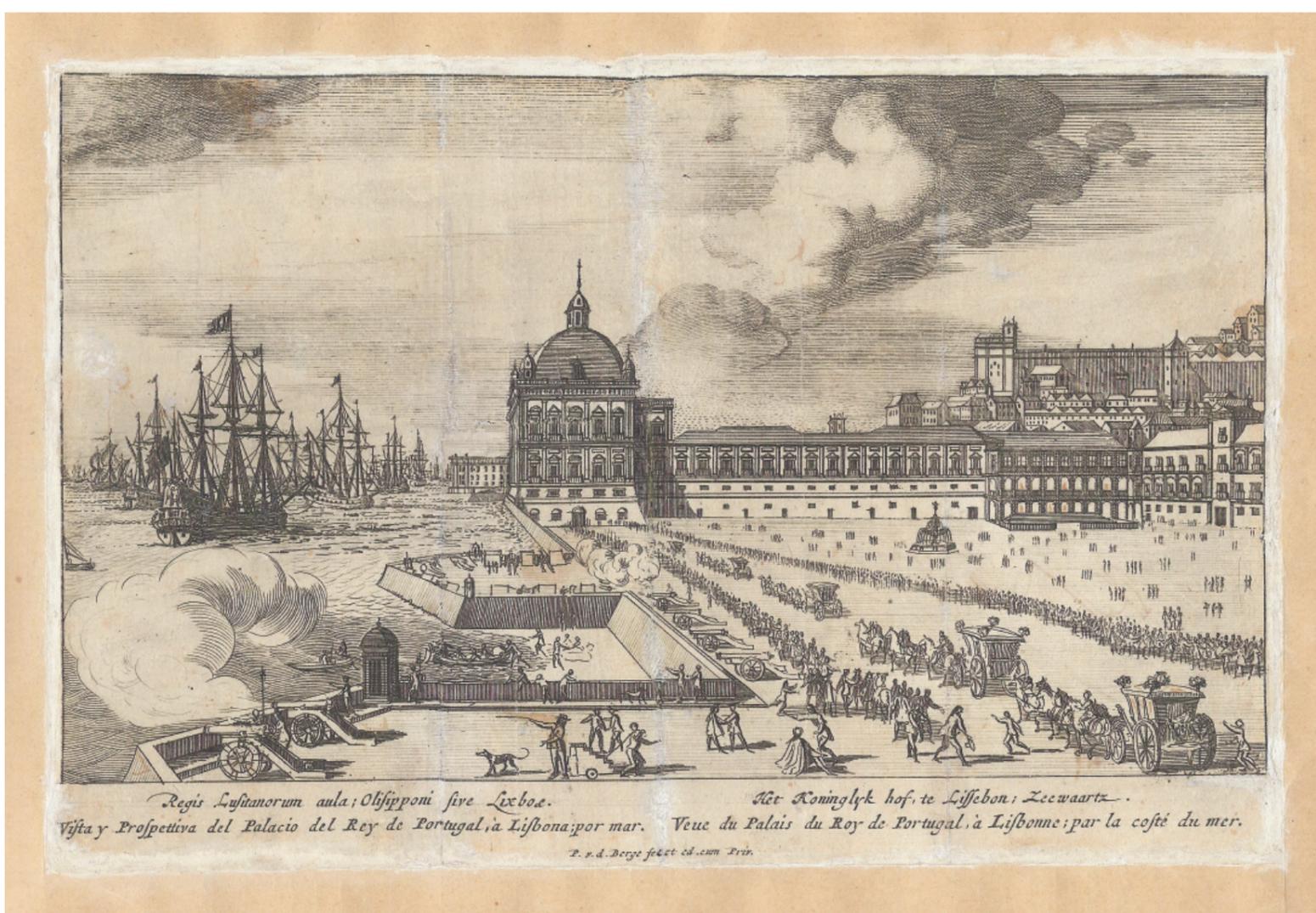
Touros Reais nas Festas do Casamento da Rainha da Gran Bretanha Em Lisboa 1667



Mosteiro dos Jerónimos (p. 325)



Terreiro do Paço (p. 313)



Regis lusitanorum aula (...) - Paço da Ribeira
Dim. matriz: 16,2 x 25,2 cm
MC. GRA 500

